

WELIS COUTO

OSMAN LINS

Nove, Novenas

1999

OSMAN LINS - NOVE NOVENAS

Osman da Costa Lins nasceu em Vitória de Santo Antão (PE) a 5 de julho de 1924. Fez o curso primário na cidade natal e mudou-se para Recife, onde se formou em Ciências Econômicas. Enquanto trabalhava no Banco do Brasil, publicava suas primeiras narrativas no Diário de Pernambuco. Com "O Visitante", seu livro de estréia, ganha três prêmios literários.

Recife não lhe proporciona a agitação literária que fervilha em sua cabeça, o que faz o escritor, em ascensão, mudar-se para São Paulo.

Osman Lins faz uma literatura nova, experimental, tendo a forma caráter essencialmente modernista. Na sua escrita, profundamente psicológica, o herói interioriza a ação, foge do conflito e cria, no seu íntimo, a transgressão da realidade.

Dentre suas principais obras estão O Fiel e a pedra; Os Gestos; Nove, novena; A Rainha dos cárceres da Grécia e Avalovara. Além de peças para teatro e incontáveis ensaios e artigos para jornais.

Morreu aos 54 anos, no auge de sua produção literária, vítima de câncer, deixando incompleto o romance "Uma cabeça levada em triunfo".

NOVE, NOVENA

"Nove Novena", livro que teve seu início no período em que o escritor viveu na França - época de amadurecimento de sua obra literária - e concluído seis anos mais tarde, revela exatamente esse amadurecimento ocorrido na literatura de Osman Lins, iniciado com "O fiel e a pedra", indo culminar com "Avalovara".

O amadurecimento do escritor é notado a partir do título da obra, cuja repetição de sentido em nove/novena deixa claro ao leitor tratar-se de nove narrativas distintas.

O escritor, às vezes hermético, porém usando as palavras com justeza, cria uma narrativa circular, de idas e vindas, onde as personagens se pluralizam ou se simplificam, às vezes desaparecendo sem que sintamos a sua ausência do espaço narrativo.

Não raro, a linguagem apurada compartilha lugar com sinais representando personagens, ou melhor, sintetizando o eu das personagens ou a sua representatividade. Assim o homem é representado por um quadrado e a mulher pelo triângulo. Também vimos a representação de crianças, adultos e até mesmo a conjugação dessas representações quando elas aparecem unidas umas às outras. Essa representação gráfica é amplamente empregada na narrativa "Retábulo de Santa Joana Carolina".

A NARRATIVA

Em "Nove novena", Osman Lins diz-se despir das influências de Guimarães Rosa, Chardelos de Lacos, Flaubert, dentre outros, desenvolvendo uma linguagem e estilo próprios.

Contudo, se Osman Lins desenvolve um estilo próprio, ele está impregnado do realismo mágico que tão bem desenvolveu Gabriel Garcia Marques e encontrou guarida na urdidura precisa de Osman Lins:

"...O pavão abre a cauda, apanha uma faca e caprichosamente sangra o rato, cortando-lhe o pescoço. Minha irmã sentada na sua cadeirinha, as tranças sobre o peito. Surge um cachorro, leva-a consigo e casa-se com ela. Faz um bolo de terra, enfeitando-a com rubis e ossos, para que minha irmã o coma. Ela se recusa, meu cunhado traga o bolo e o prato. Volta, para nossa casa, minha irmã. Tomamos café juntos. Arranco um pedaço de pão e levo-o à boca. Minha irmã aponta o pão no meio da mesa. É um menininho! Você vai comê-lo? Respondo que não é um menino, sim um escorpião."

(Conto Barroco ou Unidade Tripartita)

A linguagem brilhante e concisa de Lins surpreende-nos pela economia de palavras e, sobretudo, pela confabulação precisa.

"Faca, de repente, me parece tudo: a letra e o borrão, o pássaro e o tiro, a convivência e a distância, construir, demolir, nascer, viver, morrer"

(Conto barroco ou unidade tripartita)

Nesse mesmo conto iremos nos deparar com a pluralidade de narrativas que se ligam pela conjunção coordenativa que, ou as alternam e ao mesmo tempo as interligam umas às outras, visto as várias narrativas, ainda que coordenadas, só possuem sentido completo em seu conjunto, formando, assim, a unidade.

Em "Pastoral", uma das mais emocionantes narrativas desse conjunto, o escritor reverte à sua infância sofrida e isolada de menino criado longe dos pais e sem irmãos com quem brincar.

"Não sabem se me devem tratar como rapaz ou criança. Concordam, isto sim, em asseverar que me pareço muito (jamais dizem com quem), que haverei sempre de ser peso morto e que um dia, mesmo que não queira, cometerei infidelidades. É possível. Sou indolente e careço de músculos".

Há uma grande relação com a natureza e também a presença do realismo mágico, pois que a personagem desse conto narra a sua própria morte:

"Estirado na mesa, sem velas, dedos cruzados, a pele de raposa cobrindo-me as virilhas."

A linguagem urdida com precisão e criatividade transforma o arroubo de rebeldia da personagem em um vocábulo de resignação, o que torna a força explosiva - pela contenção -, ainda mais forte.

"Nunca ouvi, Baltasar, aquela criatura levantar a voz. O falar para quê? Meu pai só exigia que ela fosse fiel e desse conta das obrigações. Mas na hora de morrer, ela deu um berro, um amém que assustou. Sua vida se foi naquele grito."

RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA

Provavelmente seja esta a mais importante narrativa contida em Nove, novena. Altamente política, representa a luta de Joana Carolina contra as rudezas

do mundo, as dificuldades financeiras, a luta pela sobrevivência, o grito não ouvido.

Joana Carolina luta contra o mundo e sua luta representa os humildes, os pobres da cidade, os trabalhadores diários.

Santa Joana Carolina é a reencarnação da avó de Osman Lins, que o criou com desvelo, amenizando a ausência da mãe.

Nessa narrativa, Osman Lins usa acentuadamente a linguagem dos sinais, e tem como recorrente a palavra silêncio, que aparecendo inúmeras vezes no texto, rebusca o tema do nada, do vazio, a negação do ser como impossibilidade de se afirmar. Porém, do nada é que surge Joana Carolina para viver e lutar até a sua morte.

"... sobrevoa-nos um dos pássaros que ele domesticou e que, havendo fugido, voltará pela janela e pousará em silêncio sobre as chinelas de Joana."

O escritor busca descrever o tempo com objetividade, desmistificando-o; ao mesmo tempo em que lhe dá a forma espiralada de idas e vindas disformes.

"O rolar das estações, dentro de uma estação mais ampla, civilizações inteiras florescendo e morrendo em um só Outono gigantesco, em um só Inverno de milênios".

Ele usa de recursos da poesia sem comprometer a sobriedade do texto, o rigor da prosa.

"A janela do lado olhava para a horta de cacau, onde eu podia vê-la durante as lições, e ser visto por ela. Nunca houve horta mais tratada. Poli o chão com as botas; com a sombra indo e vindo, acho que dei lustro nos troncos. Ela podia olhar ao menos para a horta; mas não, era como se a janela não existisse."

Joana, possuidora de uma forte personalidade, revela o caráter da sobriedade e da predestinação da luta contra o mundo, na representação da humildade, porém, de moral elevada.

"Mas é uma lei minha, agir sempre como se o impossível não fosse".

ou

"Na verdade, havendo-me consagrado ao meu esposo pela vida inteira, a ele permaneço fiel. Assim, muito me honra a sua proposta, amável e generosa. Ela significa, se eu a aceitasse, amparo e estabilidade pelo resto dos meus dias. Mas, então, o que seria de minha alma?"

Osman Lins utiliza de passagens bíblicas para traçar o perfil de Joana Carolina, a começar pelo título da narrativa (retábulo: espécie de adereço trabalhado em madeira que fica atrás do altar), pelas epígrafes que introduzem cada mistério, que por sua vez é uma parte da liturgia do terço. No excerto que descreve o enterro de Joana Carolina fica claro o uso desses artifícios.

"Não é o primeiro caixão que vai conosco, nem será o último, (...)porém nunca tivemos a impressão tão viva e tão perturbadora de que esta é a arca do Próximo Dilúvio que as novas águas vingativas tombarão sobre nós quarenta dias e quarenta noites."

Nota-se que cada mistério é contado por uma personagem diferente, narrando uma passagem da vida de Joana, sem entretanto alterar a composição final da personagem.

CONCLUSÃO

"Se conheciam, os egípcios, o júbilo de escrever, é que haviam encontrado - raro evento - o equilíbrio entre a vida e o rigor, entre a desordem e a geometria". Possuidor de uma notável imaginação, Osman Lins penetra no avesso das coisas, às vezes com clareza, não raro, hermeticamente; prevalecendo a ambiguidade das coisas por si mesmas.

Oscilando entre o racional e o intuitivo, ele busca o possível e utópico equilíbrio entre o número e o infinito; a sua postura entre "a espiral e o quadrado".

O escritor descreve a essência das coisas através de uma análise extrema da realidade, que às vezes revela ou obscurece o seu significado.

A escrita bem talhada e a palavra urdida com precisão e maestria fazem de Osman Lins um dos maiores escritores da modernidade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

LINS, Osman. Nove, novena. Companhia das Letras. São Paulo: 1994. 4ª edição.

SUPLEMENTO CULTURAL - Diário Oficial. Cia Editora de Pernambuco.
Pernambuco: 1998: maio/junho. ano XII